



Origens

2015 | ano 02 | nº 02

Revista-laboratório do curso de Jornalismo
das Faculdades Integradas Rio Branco

ÁGUA

**Soluções criativas para não
ficar sem nosso bem maior**

FACULDADES RIO BRANCO

www.riobrancofac.edu.br



COMPROMISSO COM A SUA FORMAÇÃO

Cursos "puxados", professores exigentes e cobrança forte: se você tem um compromisso com o seu futuro, então a Rio Branco tem um compromisso com você.

**Guia de
e MELHORES
UNIVERSIDADES**

edição Abril

2014

Direito
Jornalismo
Pedagogia
Produção Editorial
Relações Internacionais
Rádio e TV
Publicidade e Propaganda
Relações Públicas
Sistemas de Informação
Administração



Campus
Lapa

GRADUAÇÃO

ADMINISTRAÇÃO
CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DESIGN
DIREITO
EDITORACÃO (DESIGN EDITORIAL)
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
JORNALISMO
PEDAGOGIA
PUBLICIDADE E PROPAGANDA
RÁDIO E TV
RELAÇÕES INTERNACIONAIS
RELAÇÕES PÚBLICAS
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

GRADUAÇÃO EM 2 ANOS

COMÉRCIO EXTERIOR
GESTÃO COMERCIAL
GESTÃO DE RH
LOGÍSTICA
MARKETING
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

- PROCESSO SELETIVO PRÓPRIO E UNIFICADO PUC
- PROVAS TRADICIONAL E AGENDADA
- USE SUA NOTA DO ENEM

ÔNIBUS GRATUITO
VEJA ITINERÁRIOS NO SITE

FORTE NO ENSINO,
FORTE NA ESTRUTURA.



Faculdades Integradas
Rio Branco
FUNDAÇÃO DE ROTARIANOS DE SÃO PAULO

www.riobrancofac.edu.br

CAMPUS LAPA - AV. JOSÉ MARIA DE FARIA, 111
CAMPUS GRANJA VIANNA - ROD. RAPOSO TAVARES, 7200 (KM 24)

Campus
Granja
Vianna



PRAVALER
CRÉDITO UNIVERSITÁRIO
ASSIM FICA FÁCIL



Presidente da Fundação
de Rotarianos de São Paulo
Nahid Chicani

Chanceler
Eduardo de Barros Pimentel

Diretor Geral
Profº Dr. Edman Altheman

Diretor Acadêmico
Profº Dr. Alexandre Uehara

Coordenadora do Curso de Jornalismo
Profª Dra. Patrícia Rangel

Coordenador dos Cursos de Comunicação
Social, Editoração e Design
Profº Me. Paulo Durão

Edição Jornalística -
Professora Responsável
Profª Esp. Clara Corrêa

Revisão
Profº Me. André Rosa
Profª Dra. Patrícia Ceolin do Nascimento

Projeto Gráfico
Carolina Izabel da Silva

Estagiária de Editoração:
Vivian dos Santos

Foto da capa:
Banco de Imagem Thinkstock

Revista **Origens** é uma publicação elaborada
pelos alunos do curso de Comunicação
Social, habilitação em Jornalismo, das
Faculdades Integradas Rio Branco.

Endereço: Avenida José Maria de Faria, 111
Lapa, São Paulo - SP, Cep: 05038-190
Tel. (11) 3879-3100

Editorial

Esta edição da Revista Origens é o resultado de um grande desafio tanto pelo tema – água – como pela participação de alunos na fase inicial do aprendizado jornalístico.

A escolha da água como tema norteador da publicação se deveu à anunciada crise no abastecimento ainda no mês de agosto, quando em reunião com os professores de Jornalismo da Rio Branco, foi definido como foco.

Após a proposta de produção da revista como atividade de responsabilidade dos alunos das 4ªs etapas matutina e noturna, teve início a busca por assuntos relacionados à água, fundamentalmente, a ausência dela nos grandes reservatórios da capital e de algumas cidades paulistas.

Aos poucos foram surgindo ideias, entre elas a que se transformou na reportagem principal da Origens, que conta a história do rio Tietê entre dois polos e duas igrejas – a da Penha e a da Freguesia do Ó. Com este aspecto original, o rio é revisto com pesquisas e fotos de arquivo desde a época das Entradas e Bandeiras, abordando o comércio a partir do seu afluente Tamanduateí, na região do Mercado Municipal, e dos saudosos clubes esportivos. Deles, há fotos e narrativas de atletas que competiram com barcos a remo, antes da água do rio se tornar poluída e sem vida, como é na atualidade.

Com delicadeza, a água também está presente na literatura, na música e na poesia brasileiras, nas páginas da revista Origens, assim como na educação infantil e fundamental, com o ensinamento a crianças e pais de como utilizar a água de maneira inteligente e racional.

Algumas soluções inovadoras são apresentadas para a economia deste recurso natural. Outro aspecto abordado foi de como alguns veículos jornalísticos retrataram a questão da falta de chuvas desde o final de 2013 e as denúncias de falta de planejamento da administração pública estadual paulista, no sentido da construção de mais reservatórios.

O jornalista Heródoto Barbeiro, com sua biografia reconhecida tanto pelos colegas quanto pelo público de rádio e de TV, foi escolhido nesta edição por ter um sítio em Taiacupeba, onde ele mantém uma reserva natural relacionada à nascente do Rio Tietê e desta forma, mantém atuação destacada na região.

Boa leitura!

Profª. Esp. Clara Corrêa

Sumário



6 **ÁGUA E LITERATURA**

"És água viva, és vida nova!"
Uma leve história sobre a ligação entre a água e a vida

8 **SOLUÇÕES CRIATIVAS**

Retratos da falta d'água
Pessoas usam da criatividade e da
necessidade para superar a crise hídrica

12 **PERFIL**

Conheça o lado de militância ambiental
do jornalista Heródoto Barbeiro

16 **PORTAS FECHADAS**

O prejuízo do comércio
com a crise hídrica

18 **EDUCAÇÃO**

Ensinar as crianças a importância de economizar
água hoje e a garantia de termos água.

20 **REPORTAGEM ESPECIAL**

Navegando pela história
Conheça São Paulo a partir do Tietê,
o rio que deu vida à cidade



29

PREVISÃO

Alerta do Cacique
A entidade sobrenatural que poderia ter salvo São Paulo da crise hídrica



32

FALA POVO

O que você tem feito
para evitar o desperdício?

34

IMPRENSA

Confira cobertura jornalística
sobre a água.

36

COMO FIZEMOS?

Professores contam os
bastidores das reportagens

37

CRÔNICA

O (des)valor da água
– por Raphael Paulino



“O MAR, QUANDO QUEBRA NA PRAIA... é bonito, é bonito!”

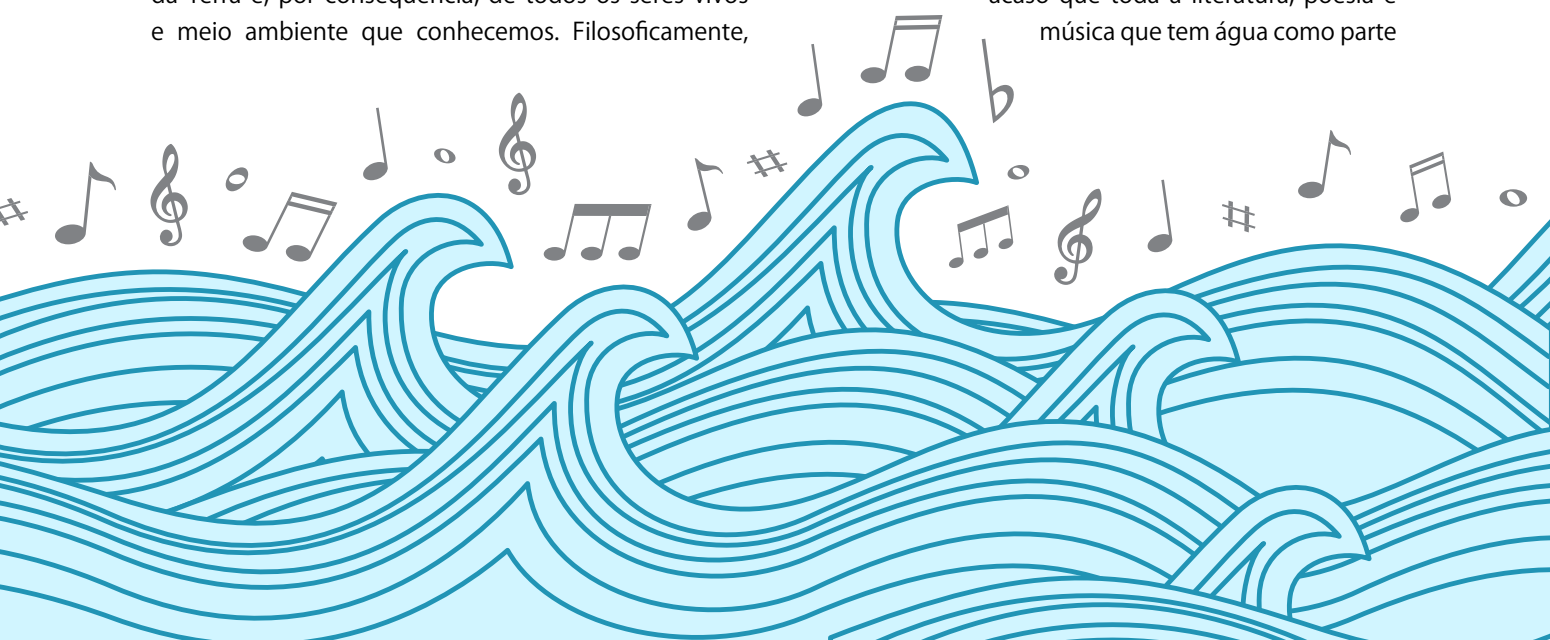
**Como o mar que leva e traz, em ondas
que nunca descansam, amores vem e vão**

“O amor e as represas são iguais: se você deixa uma brecha por onde um fio de água possa se meter, aos poucos ele vai arrebitando as paredes, chega um momento em que ninguém consegue mais controlar a força da correnteza” (Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei, Paulo Coelho). Enquanto corre, a água leva consigo substâncias essenciais para vida. Mais do que os nutrientes, ela carrega histórias. Por onde passa colhe experiências, memórias das cidades, dos trechos que cruzou. A água conta a relação de amor entre o mar e o oceano, entre o surfista e as ondas, entre a criança e a sede de descobrir aquele elemento transparente. Água é vida. A vida de todos.

Desde os primórdios, no cristianismo e na mitologia, a água é abordada como o elemento de formação da Terra e, por consequência, de todos os seres vivos e meio ambiente que conhecemos. Filosoficamente,

o mundo é originário dessa substância. Em O Cântico das Criaturas, de São Francisco de Assis, é possível perceber a importância da água para o cristianismo, abordada em todas as outras crenças e religiões, “Altíssimo, onipotente, bom Senhor/Teus são o louvor, a glória, a honra/E toda a benção./Só a ti, Altíssimo, são devidos;/E homem algum é digno/De te mencionar (...) /Louvado sejas, meu Senhor/Pela irmã Água,/Que é muito útil e humilde/E preciosa e casta”. Para o autor, a pureza desse componente tão importante para o universo e para o homem deve ser exaltada e agradecida todos os dias a Deus. Nada seria a humanidade se não fossem os quatro elementos formadores do mundo.

Biologicamente falando, o corpo humano, assim como a Terra, é composto por 70% de água. Não é por acaso que toda a literatura, poesia e música que tem água como parte



do tema, associam-na com experiências da vida. Ela é fonte do saber, do ser e do existir. Por exemplo, Água, do cantor e compositor Djevan associa a água com as desilusões da existência do ser, “Tudo que se passa aqui/Não passa de um naufrágio/Eu me criei no mar e foi lá que eu aprendi a nadar/Pra nada/ Eu aprendi pra nada”.

A vida vem em ondas

Por outro lado, na mitologia, Poseidon ou Netuno, Iara e Lemanjá, são os deuses e símbolos mitológicos capazes de controlar os mares e os oceanos. Nas diversas lendas que abordam as histórias de cada uma das personagens, não faltam exemplos a serem ligados à nossa realidade. “Essas ondas que quebram ao ver dos meus olhos despindo as palavras/ Eu me entrego a você despertando a vida e vivendo a alma/O seu canto é sirene desperta a chama, o poder das águas/Tá ali minha sereia, eu tô na areia pedindo pra o Deus do mar/Se Poseidon se recusar, eu vou rezar pra Lemanjá/ Quero ver se a rainha do mar frente ao amor vai me negar”.

Esse trecho faz parte da música O Canto da Sereia, do Projeto Capela, formada pelos amigos Caio Andreatta, Gustavo Rosseb e Léo Nicolosi. Uma banda moderna que toca música brasileira, cheia de classe, buscando um arranjo único para ser aquela que completa e preenche os ouvidos e os corações de quem a escuta. Dessa forma, o Capela consegue ilustrar figuras de linguagem que surgem após a mistura da mitologia, da água e da realidade na vida das pessoas. Uma simples canção de amor, unida a metáforas, é capaz de carregar memórias e conhecimento a quem a ouve.

Para Humberto Lima de Aragão Filho, filósofo e professor das Faculdades Integradas Rio Branco, o mar é um desafio ao coração, um evocador de saudades. “Ele caracteriza a existencialidade humana exatamente por causa da variação de suas ondas. Às vezes o mar está calmo, as águas estão tranquilas como as nossas vidas, em que não há problemas. Momentaneamente não há tristezas. Outras tantas vezes, sobrevêm-nos a saudade, os embates, as lutas da vida. Então o mar da

existência torna-se agitado à semelhança das ondas que se tornam gigantes e ameaçadoras. Então, por isso que o mar é símbolo da própria existência”.

A água ainda é a base de tudo que se tem como origem, que se opõe à terra, concreta, simbolizando a fluidez, como explica a professora Virgínia Maria Antunes de Jesus, da Universidade de São Paulo, do Centro Universitário São Camilo e das Faculdades Integradas Rio Branco. “Sem água a gente não é nada, para mim ela é o elemento essencial à vida. Você nasce da água, de dentro de uma bolsa de água. Já parou pra pensar nisso? Água é poesia. É vida”.

“É a viga, é o vão, festa da cumeieira/É a chuva chovendo, é conversa ribeira/Das águas de março, é o fim da canseira” (Águas de março). A música de Tom Jobim que ficou famosa na voz do autor e de Elis Regina mostra como a água é cíclica, é tudo e está presente em tudo. A água inicia a fase e encerra as etapas da existência humana... “são as águas de março fechando o verão/É a promessa de vida no teu coração”.



TERRA SEM GAROA:

retratos de uma cidade sem água

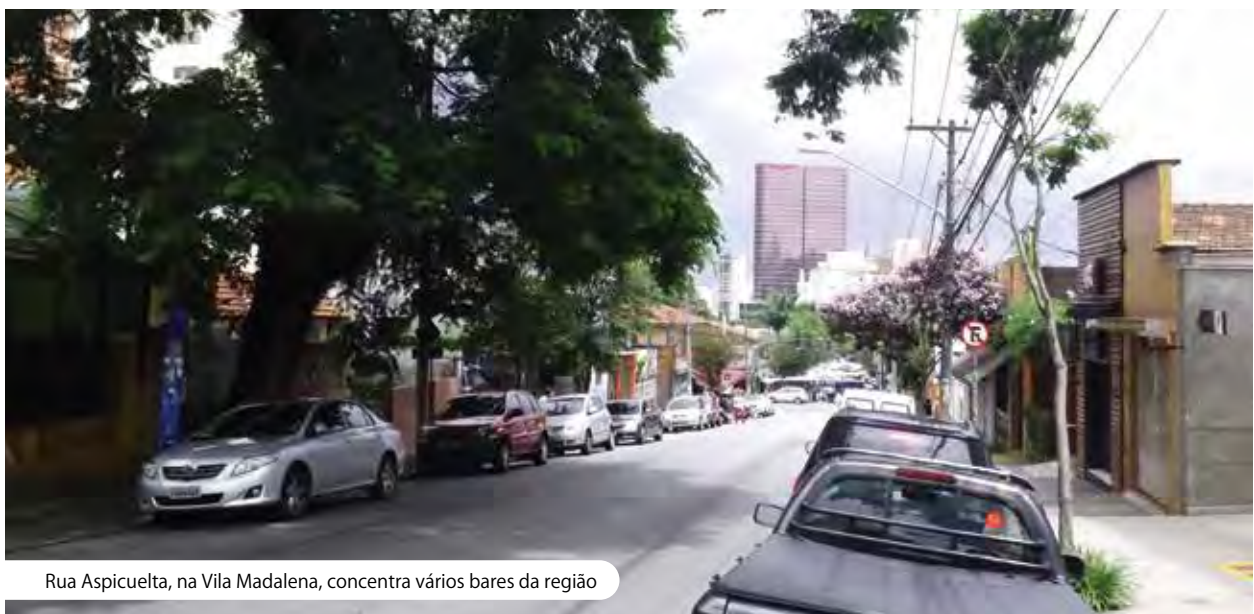
Estabelecimentos comerciais adotam medidas inovadoras para economizar

Verão 2015. Famílias inteiras atrás de caminhões-pipa, a única fonte de água potável disponível, já que ela não pinga mais das torneiras. Filas enormes espalhadas por todo o estado de São Paulo. Estabelecimentos grandes, como shoppings, escolas e faculdades, fecham as portas devido à falta de água. As chuvas abundantes das estações não vieram, São Paulo vive a pior crise hídrica da história. Este é um cenário pessimista caso a situação da água não se resolva. Mas acredite: não é um pesadelo tão distante assim.

A crise hídrica de São Paulo começou em meados de agosto de 2014, porém já era uma situação prevista

desde o início do ano. Segundo dados de precipitação do INMET (Instituto Nacional de Meteorologia), desde a última primavera, em especial no último verão, as chuvas têm ficado abaixo da média na maioria das regiões do estado de São Paulo, particularmente entre o centro-leste e extremo nordeste do estado, região que inclui o reservatório de água da Cantareira, responsável por cerca de 50% do consumo de água da grande São Paulo.

“O agravante é que a falta de chuva no estado de São Paulo veio acompanhada de extremo calor e de baixos índices de umidade, combinação nada comum para meses de verão e também nesta primeira quinzena de



Rua Aspucuelta, na Vila Madalena, concentra vários bares da região

Foto: Mariana dos Santos



Bar Seu Domingos na Vila Madalena

outubro. Esse padrão intensificou a evaporação e ocasionou à contínua e forte redução dos níveis dos reservatórios que abastecem os principais municípios do estado, especialmente nas áreas mais populosas.” explica o meteorologista do INMET, Marcelo Schneider.

Diante desta sequência de acontecimentos meteorológicos, o Governo do Estado necessitou fazer obras de urgência e investir em captação de água de níveis mais inferiores do reservatório (o chamado volume morto). Além disso, campanhas de mobilização para redução do consumo de água pela população também vêm sendo veiculadas há alguns meses para fazer com que as reservas já escassas de água sejam suficientes até a volta de chuvas mais persistentes nas regiões das bacias hidrográficas.

A maior crise hídrica da história de São Paulo tem mudado a rotina e o hábito de moradores e empresas da maior cidade de país: com o prejuízo de famílias, empresas de grande porte e estabelecimentos comerciais, foram necessárias medidas para suprir a escassez de água. Desde ações improvisadas

para remediar a situação até ideias inteligentes e criativas para economizar água, o que pode servir de exemplo não só para a crise hídrica atual, mas para o futuro, quando a água começar a ser mais valorizada.

Do imprevisto à criatividade

Quando não há água na torneira, é preciso tomar decisões difíceis, algumas vezes desesperadas. É o que aconteceu com os bares da região da Vila Madalena, que tiveram de improvisar para não fechar as portas. José Carlos dos Santos Tomaz, proprietário do Bar Ponto X da Vila, passou a usar copos descartáveis ao invés dos tradicionais de vidro. Existe ainda um controle para usar os banheiros. “Como não tínhamos previsão de volta da água, tínhamos que economizar. Não teve outro jeito”, conta José.

A cozinheira do bar Seu Domingos, Sônia Martins, conta que só não ficou sem abastecimento por causa das caixas de água do estabelecimento. “Nós temos três caixas com capacidade de 1500 litros, quando a água acabou a gente tentou economizar ao máximo. Nós abastecemos a máquina de

lavar louça uma vez só para todas as lavagens do dia”. Outros bares da região também foram prejudicados, entre eles o Quitandinha, Salve Jorge, Posto 6, Comunidade da Vila e o José Menino: todos registraram falta de água aos sábados e domingos, quando há mais movimento nos bares.

A falta de água está mobilizando as pessoas a tomar alguma atitude em conjunto, um exemplo, é a petição online assinada pelos paulistanos direcionada ao governador Geraldo Alckimin (PSDB) e ao Prefeito Fernando Haddad (PT), que tem a proposta que liderar um movimento de transição para um manejo sustentável e responsável de água. A cada adesão, os governantes recebem um e-mail com dicas de soluções para reuso e economia de água. O objetivo da ação são pequenas atitudes, simples e baratas para solucionar a crise da água. É a sociedade civil trabalhando junto, diante da incerteza provocada pela crise de abastecimento.

Empresas também estão adotando medidas para economizar água, porém de forma mais engenhosa e planejada. Foi o que uma empresa de cortes de aço fez com a água que pinga dos equipamentos de ar condicionado, reaproveitando-a nos banheiros da empresa. Com esse sistema, 200 litros de água são reutilizados por dia, variando de acordo com a umidade do ar. A rede de restaurantes Si Señor também inovou: instalou com o ar condicionado um sistema que promete reaproveitar cerca de 12 mil litros de água por mês em sua nova unidade, no bairro do Tatuapé. O sistema, que também será instalado nas outras unidades da rede, de-



Foto: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

A falta de chuvas fez com que as pessoas ficassem mais criativas para economizar água

verá aproveitar a água para lavar o piso e regar as plantas do local.

Edson Abrão da Silva, servidor da Unidade Básica de Saúde (UBS) Vila Dionísia II – Coordenadoria Regional de Saúde Norte, também desenvolveu um sistema simples de captação da água do ar condicionado, que anteriormente era desperdiçada. A ideia surgiu no ano passado, a partir da observação da rotina da UBS. Edson percebeu que litros de água vazavam do aparelho, e tinham os ralos como destino.

Preocupado com o meio ambiente, ele utilizou apenas um galão e uma mangueira de plástico para recolher todo líquido que saía do ar condicionado. Uma ponta da mangueira fica presa à boca do galão, enquanto a outra ponta é conectada ao local que jorrava água. Um método prático, feito com materiais

acessíveis, que poderia ser reproduzido em diversas outras áreas.

Com o objetivo de atender a demanda mundial para a escassez de água, para todos os fins, o engenheiro Pedro Ricardo Paulino criou há sete anos uma máquina que ‘fabrica’ água. A inovação funciona a partir da água contida no ar ambiente, que é condensada por choque térmico, posteriormente é filtrada através de alta pressão, passa por filtros estabilizantes, finalmente são adicionados sais minerais. A empresa vendeu 46 máquinas desde o início da comercialização, em 2010. Só em setembro deste ano, 22 equipamentos foram vendidos, um aumento significativo para esta época de crise hídrica de São Paulo.

“As vantagens de adquirir uma máquina como a Wateair é a obtenção de água potável de altíssima

pureza em qualquer local do planeta”, assegura Pedro Ricardo, hoje CEO da Wateair. A empresa tem projetos para 2015 que envolve reduzir o custo dos equipamentos, com uma possível nacionalização industrial e também o consumo energético. “Estamos desenvolvendo o projeto para produção de água ultrapura derivada do ar em grande volume, estamos apenas aguardando o convite do governo Paulista, ou outro governo brasileiro, caso não sejamos convidados estaremos desenvolvendo nos Emirados Árabes em 2015.”

Aproveitar a água da chuva não é novidade no Brasil. Há muito a técnica tem sido a principal solução para a seca em áreas de frequente estiagem, como acontece no Nordeste, por exemplo. A empresa ECO-

CASA criou uma cisterna que reaproveita a água da chuva. “Ao todo já somamos mais de 2.000 cisternas instaladas nos últimos 14 anos, e em função da crise hídrica houve um aumento nas demandas e também sobre as vendas, inicialmente um aumento de 20% nos negócios”, afirmou Hiago Villar, responsável pelo marketing da empresa.

Economia de água também está no cotidiano do Santana Parque Shopping desde seu projeto inicial. Localizado na zona norte de São Paulo, o shopping possui um sistema de reutilização de água das áreas comuns que vai diretamente para reuso nos vasos sanitários dos banheiros. A filtragem é feita através de uma membrana da espessura de um fio de cabelo. “Nesse furo não passa mais nada além da água, qualquer objeto ou substância e bactérias não passam”, explicou o gerente de operações do Santana Parque Shopping, Ricardo Gonçalves Omar.

Ricardo calcula que o shopping tenha economizado cerca de 60% na conta de água, e afirma que teria uma possibilidade do shopping ficar sem abastecimento caso não tivesse esse inovador sistema de reuso: “nós iríamos depender da Sabesp, a região do shopping é abastecida pela Cantareira que está numa situação crítica. Aqui a gente utiliza 40% da água da rua, esse número conta também com dois poços artesianos que temos para abastecer o shopping. Os outros 30% vem do sistema de

reutilização de água que está sendo muito útil para nós, se não fosse por isso, já estaríamos sem água”.

Banheiro seco é possível?

A Associação Paulista dos Gestores Ambientais (AP-GAM), em parceria com o Coletivo de Ocupação Verde (COV), desenvolveu um projeto que minimiza os impactos humanos ao meio ambiente. Chamado de banheiro seco, propõe uma maneira alternativa para dar destino a elementos fecais, sem a utilização de água para dar descarga.

O gestor ambiental Marcos Borges realiza a atividade juntamente com alunos de escolas da região do Jardim Julieta, zona norte da capital. Ele conta que a aplicação do projeto do banheiro seco é uma maneira simples de evitar a poluição. “Todo este espaço pode ser utilizado pela comunidade, que tem acesso aos banheiros secos, sem restrição. Estas pessoas também são responsáveis pela manutenção do espaço”, conta.

O trabalho é desenvolvido no Centro Independente de Cultura Alternativa e Social do bairro. “No início foi novidade, já que não é uma ferramenta amplamente divulgada. Entretanto, o banheiro seco traz frutos inclusive para a saída das plantas que são cultivadas aqui. Com a finalização do processo, as fezes se tornam adubos para a fortificação do solo”, concluiu.

Como funciona

O banheiro seco é constituído por dois vasos, cada um com uma câmara, que funcionam como composteiras. Enquanto uma é utilizada, a outra permanece sem uso. Com a utilização, a câmara vai enchendo e a temperatura vai aumentando, dando espaço a organismos termofílicos (capazes de sobreviver em altas temperaturas), que decompõem o material fecal. Toda vez que o vaso for utilizado, é preciso despejar serragem para evitar odores e acelerar o processo de compostagem. Após o enchimento da primeira câmara, o vaso é fechado e começa a realizar o mesmo processo na segunda câmara. Tempo suficiente para que o material do primeiro vaso vire adubo.

As câmaras são pintadas de preto para que a temperatura permaneça alta e o processo seja mais rápido. Neste sistema, os encanamentos hidráulicos são abolidos. Após aproximadamente seis meses, os resíduos são encaminhados para um minhocário, onde são transformados em adubo orgânico e reaproveitados em atividades agrícolas.



Foto: xxxxxxxxxxxxxxxx



Foto: Caroline Marques

HERÓDOTO BARBEIRO

sinônimo de sustentabilidade

Seu contato com a natureza, lado pouco conhecido do jornalista, tem relação com o Budismo, uma religião de extremo respeito aos seres vivos

Difícil encontrar quem desconhece a trajetória do jornalista Heródoto Barbeiro. Atual apresentador e editor-chefe do Jornal da Record News, é conhecido por sua participação na criação da rádio CBN, ou mesmo por sua presença na bancada do programa Roda Viva, na TV Cultura. É ainda formado em História pela USP, onde também fez mestrado. Antes de atuar como jornalismo, foi professor por 25 anos.

Poucos, no entanto, sabem a respeito de sua relação com a natureza, muito influenciado por sua religião, o budismo. Principalmente quando está em seu sítio em Biritiba Mirim – a Reserva Mahayana, área que compõe duas reservas particulares do patrimônio natural (RPPN) em área de Mata Atlântica.

Em 2014, o jornalista 33 árvores nativas em áreas degradadas, compensando a emissão de carbono produzida com sua atividade como jornalista. Este é apenas um exemplo de seu engajamento diante do impacto ambiental do homem: Heródoto também atua como voluntário na SAT (Sociedade Amigos de Taiáçupeba), organização preocupada com ações sustentáveis na região (em Mogi das Cruzes, a 74km de São Paulo).

Nesta entrevista para a revista Origens, Heródoto recorda sua carreira, fala sua dedicação à ONG da comunidade de Taiáçupeba e reforça seu respeito à natureza:

Origens: Como você se tornou budista e quais efeitos isso causou na sua vida?

Heródoto: Eu tinha 22 anos de idade, quando pela primeira vez entrei num templo Budista para dar aula particular de inglês para uma pessoa. Na época conhecia pouco sobre a religião. Dai passei primeiro a entender a religião para depois começar segui-la, no templo “Zen Budista” me tornando o “monge leigo” desse templo. Quando você é reconhecido pelo templo como monge leigo ou monástico, eles dão a você um nome budista, inspirado num patriarca do templo, então a mim me deram o nome Budista “Gento Ryotetsu”.

Origens: Você tem um sítio em Taiáçupeba, que virou reserva florestal em 2001. O seu contato com a natureza tem relação com a sua religião?

Heródoto: Sim, o sítio foi considerado a primeira parte em 2001 como reserva florestal e a segunda parte agora em 2014, então são duas reservas na mesma área. O contato com a natureza tem relação sim com o Budismo, sendo a mesma uma religião de extremo respeito a natureza, absoluto respeito aos seres vivos e absoluto respeito aos seres humanos. Faço sempre meditação quando estou lá.

Origens: Além da reserva, você se dedica a uma ONG “Sociedade Ambiental Amigos de Taiacupeba”, o que é feito nessa ONG?

Heródoto: Nessa ONG eu sou voluntário, sou tesoureiro da ONG. São um grupo de pessoas que são moradores da região e alguns são donos de áreas como eu. Eu sou o “pidão” da organização. Nós temos mais de mil alunos na ONG, onde 120 fazem Karatê, 80 fazem Muay thai, 80 fazem Taekwondo, 60 fazem Balé, 50 fazem inglês e assim por diante.

Origens: Em relação à falta d’água em São Paulo, a região da reserva tem sido atingida pela seca?

Heródoto: Não chegou a afetar a região, pois lá é uma região de manancial, mas diminuiu muito a água lá, bastante. Eu percebi pela mina que tenho dentro da minha área, essa mina ela abastece toda a comunidade e a quantidade da água da mina diminuiu cerca de 60%. Porém, para a cidade não teve problema das casas e comércios ficarem sem água, porém a diminuição foi notável.

Origens: Você nasceu em qual região de São Paulo?

Heródoto: Nasci no centro velho na cidade, em Baixada do Glicério. Mas os meus pais eram do interior, porque minha família é de imigrantes europeus.

Origens: De que país eram seus avós?

Heródoto: Minhas duas avós eram da Itália. Um dos meus avós era espanhol e outro era português.

Origens: Como foi sua infância e o que motivou a estudar tanto?

Heródoto: Primeiro foi meu pai que me incentivou muito a estudar. Segundo, como eu era de uma família muito pobre a forma de ascensão social só poderia se dar através do estudo. Então esse foi o fator que me incentivou a trabalhar e estudar simultaneamente.

Origens: Como começou no jornalismo?

Heródoto: Eu comecei circunstancialmente na TV Gazeta, quando fui gravar o telecurso, no Objetivo. Lá, eu aprendi como me apresentar em frente as câmeras e o diretor soube do meu trabalho e me convidou para fazer um programa, o “Show de Ensino” onde unia jornalistas e professores.

Quando voltei à faculdade para cursar jornalismo, na faculdade Cásper Líbero foi uma experiência extraordinariamente boa. Voltar à sala de aula é uma coisa que todos deveria fazer a cada dez anos. Para mim, foi uma experiência mais interessante por que, boa parte dos alunos que estavam fazendo jornalismo foram meus alunos no cursinho do Objetivo. Então alguns deles ainda me chamavam de professor e eu dizia: professor não sou eu e sim o cara lá na frente, em tom de brincadeira.



Heródoto Barbeiro é âncora do jornal da Record News

Origens: Você participou da fundação da CBN e por muitos anos atuou na TV Cultura. O que fez você deixar os dois e assumir o programa Record News?

Heródoto: Primeiro eu deixei de dar aula e virei jornalista, depois comecei na CBN e logo após com a TV Cultura. Então quando me apareceu essa oportunidade de vir trabalhar na Record News e trocar dois empregos por um só, eu aceitei. Se eu fosse olhar o meu ego, eu teria ficado onde eu estava, pois na CBN eu tinha a maior audiência com o jornal da manhã, as pessoas todas me conheciam e a noite na TV Cultura eu fazia o programa “Roda Viva” que me dava muito credibilidade. Mas quando surgiu o desafio de comandar um telejornal do meu próprio jeito, aí eu gostei e vim.

Origens: O que faz o Record News ser diferenciado dos outros telejornais?

Heródoto: O jornal passa no canal aberto e na TV fechada, além de passar no canal internacional da Record, tanto que na última vez que estive na Alemanha, num hotel em Frankfurt, a mulher da recepção disse me conhecer através do canal Record Internacional, além do Record News ser transmitido simultaneamente através do nosso portal da emissora, o R7.

Temos também a parte musical do jornal, no qual encerramos o jornal com música, onde toda semana trazemos uma banda diferente para tocar. Através disso, eu transformei os musicais num programa de final de semana chamado “Talentos” que vai ao ar às nove da noite, no sábado e no domingo, no canal Record News.



O sítio do jornalista é hoje uma RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural

Foto: Tainá Cailli Pedro



O jornalista Heródoto Barbeiro, também é conhecido por sua militância ambiental

Foto: Tainá Cailli Pedro



Heródoto em seu sítio Mahayana localizado no Distrito de Taiapuêba
Município: Mogi das Cruzes

Foto: Tainá Cailli Pedro

Comércios e serviços públicos fecham as portas devido à falta de água em SÃO PAULO

Comércio e serviços públicos fecham as portas devido à falta de água em São Paulo - E a maior dificuldade está na limpeza!

Qualquer comércio, serviço de utilidade pública, escola ou universidade precisa de água para funcionar. Assim, a crise hídrica de 2014, especialmente em São Paulo, trouxe imprevistos: bares e restaurantes badalados no Largo da Matriz, na Freguesia do Ó, ou mesmo no coração da Vila Madalena fecharam as portas no mês de outubro, porque as torneiras estavam secas. Além disso, a falta de informação e a instabilidade do fornecimento da água dificultam a adoção de uma estratégia destes estabelecimentos contra a escassez do recurso.

Na região da Vila Madalena, onde funcionam diversos bares e restaurantes, a falta de água já virou rotina. A caixa Lúcia Lotufo, do restaurante Oficina de Pizzas, conta que o fornecimento da água é suspenso diariamente por volta da meia-noite. Dessa forma, a maior dificuldade tem sido a limpeza: para manter a mínima higiene exigida, é necessário lavar o restaurante durante o dia. “Ficou difícil, porque agora estamos usando a água da caixa inclusive para a limpeza”.

A lanchonete Go Dog costuma encerrar o expediente às 23 horas. Em outubro, no entanto, o sócio Tarso Abrantes, conta que tiveram que fechar as portas mais cedo durante alguns dias, até mesmo para que os clientes pudessem lavar as mãos. Apesar de terem caixa d’água, os sócios preferiram mantê-la como reserva para outras situações, diante do cenário ruim. “Agora procuramos economizar mais, quando lavamos os pratos e os talhares temos de deixá-los mais tempo de molho para evitar que a torneira fique aberta”, explicou.

Manter tanto a louça quanto o resto da cozinha limpos também é um desafio na casa de comida japonesa Shinkai Sushi, também na região da Vila Madalena. O restaurante passou a reservar água em grandes baldes, que são usados para a limpeza e no uso do banheiro. Apesar da reserva e da aparente economia, o funcionário Douglas Pinheiro conta: “O preço da água também aumentou muito. A gente pagava cerca de 600 a 700 reais na conta, dessa vez veio 1.300 reais. Estamos gastando bem menos, não sei o que aconteceu”.

A outra unidade, no centro comercial de Barueri, também sofre constantemente com a falta de água. Por diversas vezes, o estabelecimento teve que se adaptar e investir no fornecimento de caminhão-pipa, aumentando assim cerca de três vezes a despesa para garantir o abastecimento. O caminhão-pipa ainda não foi necessário na Vila Madalena, até mesmo pela dificuldade de acesso do caminhão na Rua Delfina. Mas é uma opção cogitada caso a situação piore.

Os bares e restaurantes do Largo da Matriz, na Freguesia do Ó, também têm sofrido com o problema: na região, o fornecimento costuma ser suspenso às 17 horas. “É um sofrimento. Recebemos cerca de 1.500 a 1.600 pessoas por dia no fim de semana, suja muita louça. Temos que guardar muitos baldes, cerca de 20. Quando acaba na torneira, a gente utiliza dessa água para lavar os copos e pratos, e acaba não dando às vezes”, contou o supervisor Márcio da Silva, do bar e restaurante O Alemão.



Algumas estações do metrô de grande circulação estão com os banheiros interditados

Antes de trocar a caixa d'água, o estabelecimento sentiu dificuldades durante pelo menos um mês. Mesmo assim, o estabelecimento já teve de fechar as portas mais cedo em pleno sábado, quando há maior movimento. "O prejuízo foi grande, uns 5 mil reais no dia. Se for calcular os demais dias em que houve falta de água, o prejuízo foi grande", lamentou Silva.

Outra questão é o preço de alguns alimentos. A estiagem afeta a produção e o preço de alguns deles, fazendo com que os preços inalterados do cardápio se transformem em mais prejuízo. "O quilo do limão, por exemplo, aumentou demais, os clientes pedem muito", argumenta Silva, que já cogita a cobrança de uma taxa pelo limão solicitado como acompanhamento. "Por enquanto não houve alterações, mas se continuar vai ter que mudar sim. Porque estamos pagando mais caro, então precisamos recuperar um pouco do gasto", finalizou.

Além de estabelecimentos como bares e restaurantes, locais de uso público também já tiveram de ser interditados. É o caso dos banheiros nas estações Luz e Brás

do Metrô, onde há grande circulação de sacoleiros e viajantes durante a madrugada. A assessoria de imprensa da Companhia do Metropolitano de São Paulo não se posicionou sobre o assunto. No interior de São Paulo, estima-se que 10% das cidades enfrentam racionamento.

O caso de Cristais Paulista (na região de Franca, a 414 km de São Paulo) é um dos mais dramáticos: são cerca de 20 horas por dia sem água, o que levou a cidade a medidas drásticas, como fechamento de escolas e multa de até 100 reais para quem desperdiça água. No último dia 22 de outubro foi apresentado pela Prefeitura do município um novo projeto para captação emergencial através do decreto 60852/14. A estação de Cristais Paulista é abastecida por nascentes do Rio Ribeirão que, por conta de sua maior crise hídrica dos últimos anos, não é suficiente para manter a represa do município, que atualmente está com menos da metade da água prevista para este período do ano. Apesar dos recursos investidos recentemente de forma emergencial, a cidade deve continuar com o método de racionamento e rodízio do fornecimento até que o abastecimento se estabilize.

Alunos contra o desperdício

A escola e o trabalho de conscientização

A falta de água em São Paulo tem sido um dos principais assuntos nas cidades brasileiras. A preocupação da população de modo geral têm levados todos a contribuírem de alguma forma, e isso não tem sido diferente nas escolas, que estão em um grande desafio para transmitir as crianças e aos adolescentes a necessidade que terão de economizar água para que as torneiras não sequem por completo.

“No início do ano de 2014, já estávamos cientes que iríamos ter problemas de abastecimento de água. Pensamos entre coordenadores e professores em não esperar as torneiras em casa secar pra colocar a mão na massa”, relatou Prof.^a Maria Christina Carbonaro, coordenadora do Colégio Ítalo Brasileiro, em Moema. Mas o trabalho de conscientização dos alunos e seus pais não teve um começo fácil. “Estamos em um colégio de classe media alta. Como seria falar sobre economia e conscientização já que as crianças aqui nunca tiveram problemas de economia e sempre viveu uma vida de esbanjar?”, questionou.

O primeiro passo foi a distribuição de cartazes ilustrativos, alertando sobre a possível crise hí-

drica e solicitando a colaboração dos alunos e suas famílias. Como somente os adolescentes liam os cartazes, a equipe não poupou esforços. Por meio de atividades teatrais lúdicas em cada sala de aula, mesmo as crianças em processo de alfabetização deviam

tiveram que buscar com seus pais respostas para um questionário: quanto tempo a família passava debaixo do chuveiro? Quantas vezes por semana as empregadas lavavam roupas? Com que frequência as louças eram lavadas? Elas eram ensaboadas primeiro ou a



estar conscientes: a escassez afeta toda a população.

“Os cartazes foram para começar. Agora que a crise se agravou, estamos envolvendo a todos, inclusive as famílias de forma direta”, explicou a coordenadora. Para isso, os alunos do ensino básico

torneira permanecia aberta durante todo o tempo? Como eram a escovação de dentes?

Já os de 4º e 5º ano realizaram um outro projeto. A pedido dos professores, os alunos trouxeram contas de abastecimento de água de suas casas. Com isso, foi possí-

vel elaborar comparações entre os colegas de sala. “A principal finalidade não era saber o valor de cada conta em particular mas sim juntarmos todas as contas e montamos um gráfico com os próprios alunos. Em seguida pedimos para que estas crianças orientassem seus familiares e as pessoas que trabalham em suas casas. Passamos a responsabilidade de cada criança. Elas deveriam ser os verdadeiros fiscais de água”, reforçou Maria Christina.

A escola deu um prazo de três a quatro meses para que cada aluno trouxesse outra conta de água. Assim, um novo gráfico foi montado e analisado. De uma forma geral, o consumo de água caiu em praticamente todas as residências. “Um dos pontos fortes é o apoio dos familiares dos alunos. Este projeto também é uma forma de educação, para formar cidadãos conscientes para o futuro. Essa nova turminha com certeza já sabe o efeito de um desperdício, de um banho demorado. Sabem que no futuro alguém poderá ser prejudicado, caso não haja nenhuma providência. E estaremos sempre retomando com o projeto, para que eles não caiam no comodismo”, comemora.

Com os funcionários do colégio não é diferente. “Pedimos que eles trocassem as mangueiras pelas vassouras, as buchas com água e sabão por pano com qualquer produto de limpeza e bactericida. Cada um do seu jeito está se empenhando da melhor forma para a economia e a reutilização da água”, explica a coordenadora, que também transmitiu orientações para a cantina. “Já solicitamos que os responsáveis comprem galões de água para poder cozinhar, fazer sucos e diminuir os gastos com a torneira, já pedimos que as louças utilizadas fossem todas colocadas em uma bacia ensaboada e somente depois sejam enxaguadas. E o que puder ser descartável, será”.

Mudança de planos

Antes do primeiro semestre de 2014 terminar, diretores e professores do Colégio Pré-Médico, na Lapa, tiveram que reformular o planejamento de atividades,



Foto: Divulgação



projetos e outras dinâmicas relacionadas à água.

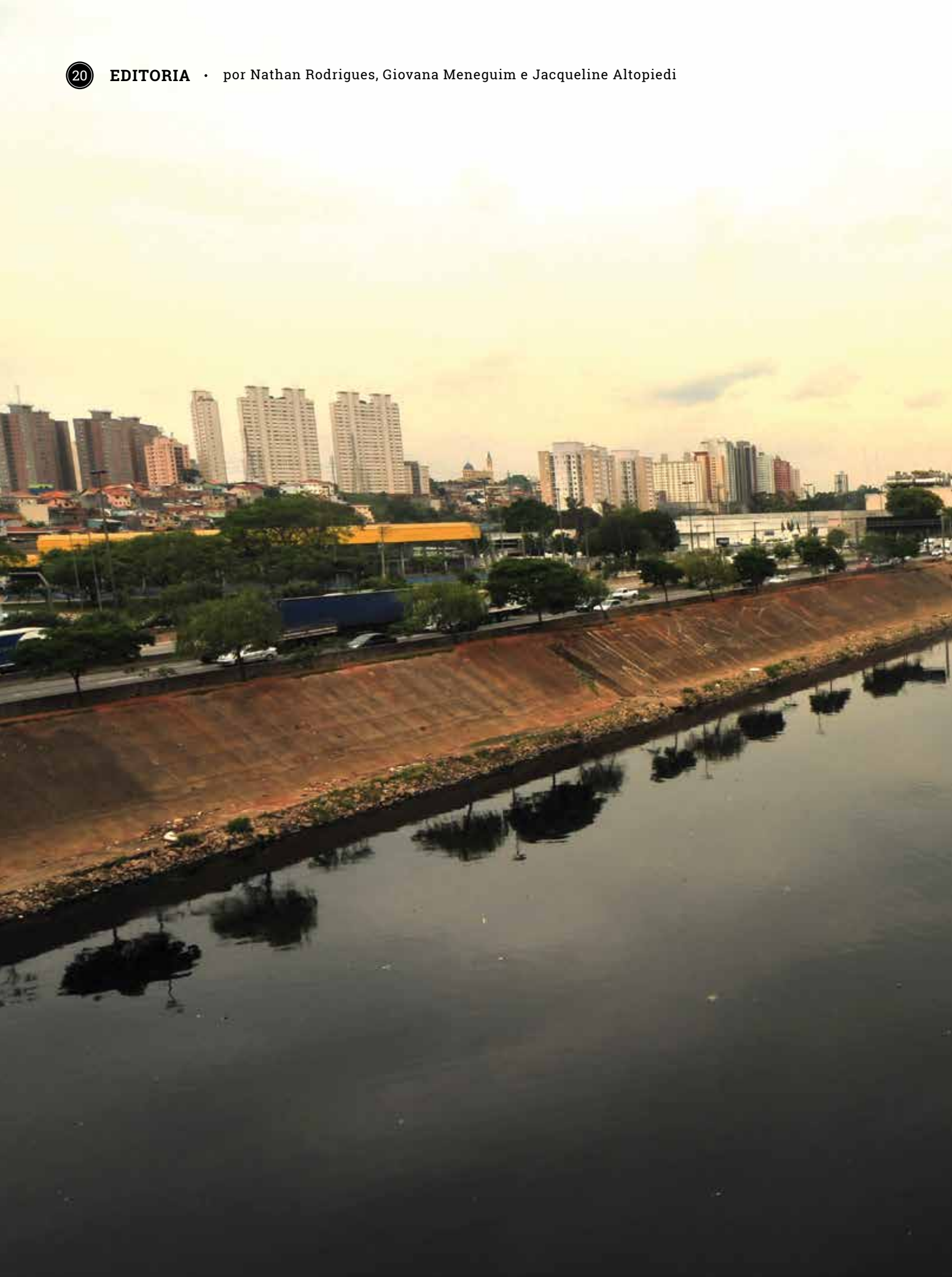
A começar com os alunos menores, acostumados com atividades que envolvem trabalhos manuais e “alguma sujeira”: todos foram orientados a ensaboar as mãos primeiro e enxaguá-las rapidamente. A luta contra o desperdício envolveu pedidos para evitar banhos de mangueira ou piscina, bem como demora no chuveiro.

“Percebemos que muitas crianças não tinham nenhuma instrução no caso da falta de água. Trabalhamos com alunos que realmente foram criados dentro de uma bolha de proteção, uma verdadeira blindagem do mundo externo. Os professores devem ser sensíveis à causa ambiental urbana, para se tornarem agentes multiplicadores, nas escolas e na comunidade”, explica o coordenador Marcelo Milani.

Outros alunos foram convidados a discutir o futuro da água no planeta em uma feira de ciências, além de visitar a nascente do rio Tietê, em Salesópolis: em ambos os casos, concluiu-se que a ação do homem impediu não apenas a preservação da qualidade das águas que cortam a cidade, como também o volume dos reservatórios.

“Sem contar com a preparação dos alunos para os vestibulares, os adolescentes precisam saber o que está por trás da política. Precisam saber sobre nossas lideranças governamentais e estaduais. E diante dessa crise de água, quais os mecanismos. Enfim, informações que julgamos necessárias para o uso racional da água”, conclui Milani.

“Percebemos que muitas crianças não tinham nenhuma instrução no caso da falta de água”.



São Paulo no curso de um rio

O Tietê, de tantas histórias,
hoje clama por socorro!

Imagine um momento marcante da Humanidade: a água possivelmente correu em direção a ele, sempre no curso dos grandes acontecimentos da História. E não pense que sua participação é puramente figurativa. Desde a Antiguidade, o homem já demonstrava a necessidade de guardar esse recurso, utilizando métodos simples para armazenar água das chuvas, dos rios e lagos. No decorrer dos tempos, a água pontuou sua importância ao acompanhar o desenvolvimento das civilizações.

Na América pré-colombiana, os incas usaram seu incrível poderio tecnológico para construir eficazes sistemas de canalização para irrigação, sobretudo no árido Peru. Do outro lado do globo, os egípcios dominavam técnicas sofisticadas de irrigação do solo na agricultura. O crescimento da região estava ligado umbilicalmente às enchentes do Rio Nilo. Do Mississipi ao Sena, do Tâmisia ao Ganges, os rios correm nas veias dos povos, nutrindo os corações das mais importantes regiões do mundo.

Na maior metrópole brasileira não é diferente. Chamado de Anhemby, Rio Grande ou simplesmente Tietê, o rio percorre, desde sua nascente, na cidade paulista de Salesópolis (que fica a 96 km da capital), 1.136 km até a divisa com o Mato Grosso do Sul, quando se encontra com as águas do Paraná. Ele corta, de leste a oeste, todo o Estado, passando por 204 municípios ligados à sua bacia. Todos esses superlativos fazem dele o principal curso d'água de São Paulo.

Como cita o historiador Humberto de Mello Nóbrega, em seu livro

“História de um rio: o Tietê”, o curso d'água “identifica-se, em determinado período, com a própria vida – alma e corpo, tradição e progresso, glória e miséria – de São Paulo”.

Rio Abaixo

Em meados do século 16, era grande o número de portugueses que se arriscavam Brasil adentro em busca de terras, riqueza e sucesso. Nesse cenário, os bandeirantes traçaram novos rumos para o País. Suas incursões não foram marcantes apenas pela caça ao ouro e prata, mas também para o processo de ocupação do território nacional, definindo parte considerável de suas fronteiras. Para cravar seus nomes na História, esses desbravadores usavam o Tietê como meio de locomoção.

Manuel Preto, filho de imigrantes, também enxergou na correnteza do rio o caminho para a fortuna. Em 1580, aportou em um areal à margem direita do Tietê, onde fixou sua casa, sua fazenda e sua vida. Para homenagear a região, denominou-a Nossa Senhora da Esperança, erguendo ainda uma

capela que veio a se tornar o ponto central do futuro bairro.

O bandeirante teve companhia e em pouco tempo a região ganhou outras casas. Logo virou um vilarejo. Em meio a esse processo de crescimento, construiu-se a primeira Igreja Matriz, datada de 1795. Essa fundação colaborou para que a vila fosse elevada, no ano seguinte, à outra categoria. Nascia, assim, a Freguesia do Ó. Conta-se que o nome surgiu das celebrações à padroeira da capela: às vésperas do Natal, sempre se recitava os cânticos do Breviário Romano, cujas sete orações se iniciavam com “Ó”.

Apesar dos esforços de Manuel Preto e seus herdeiros, a topografia da região não contribuiu para o desenvolvimento do bairro: a sinuosidade do Tietê e suas constantes cheias, que provocavam enchentes desde a Freguesia da Penha até a do Ó, dificultavam que o progresso chegasse também à outra margem do rio.

No começo do século 20, a Freguesia do Ó parecia ter parado no tempo. “Era uma vida provinciana”, relembra dona Maria do Babá. Hoje



Maria Nocce de Oliveira — histórias de quando o rio Tietê era limpo



Foto: Acervo pessoal Dona Maria

Igreja no largo da Matriz na década de trinta

com 82 anos, Maria José Nocce de Oliveira Alves quase não reconhece mais o bairro onde nasceu. À época, “a Freguesia era só esse miolinho aqui, em volta da igreja. Itaberaba, Morro Grande, Brasilândia Cruz das Almas, era tudo sítio”.

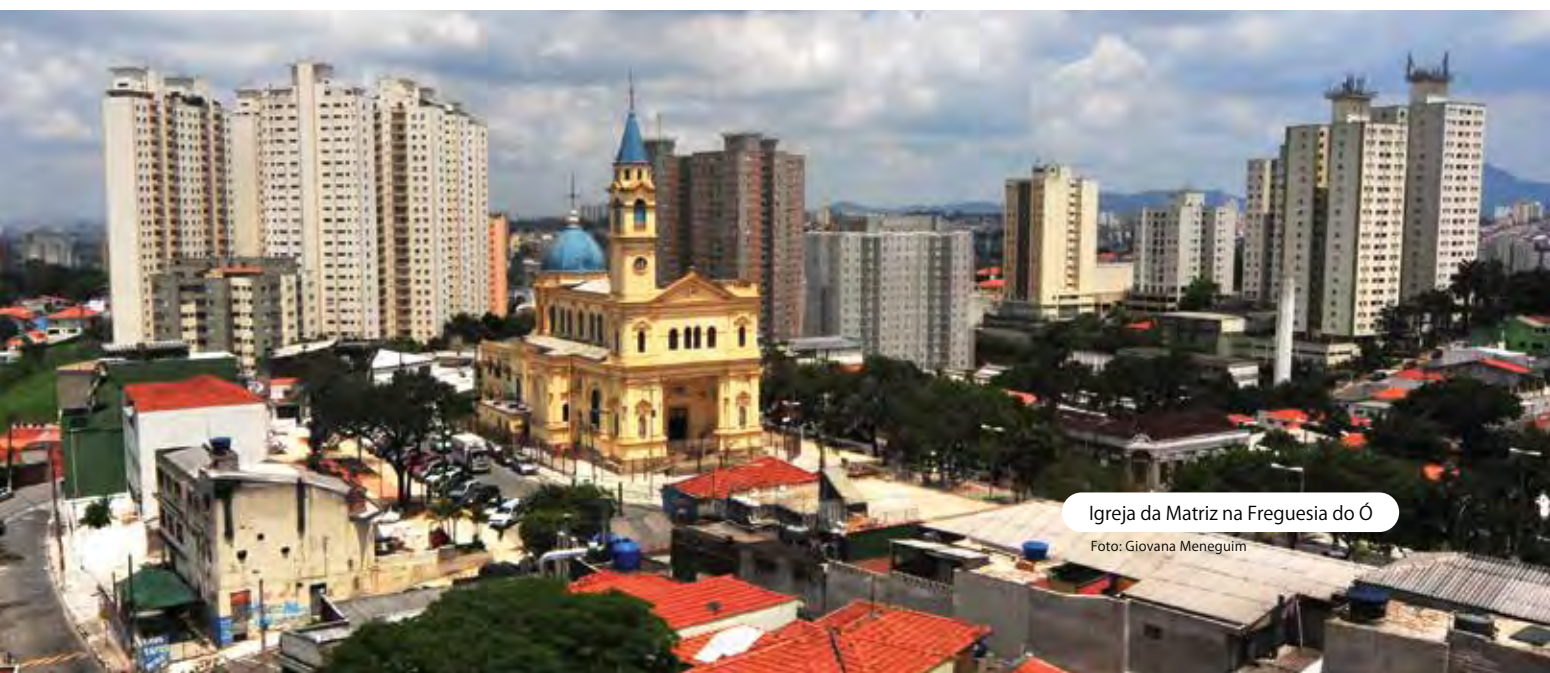
Enquanto o progresso modificava bruscamente a paisagem na região central, a vida seguia tranquila na vila, que mantinha ares interiores em plena capital paulista. “Era uma vida muito simples”, recorda

dona Maria. Escolas, festas, romarias – a Igreja Matriz era o cenário de tudo que acontecia na Freguesia.

Ainda na década de 30, não havia pavimentação ou paralelepípedos – “não tínhamos asfalto. Pra ir pra Itaberaba, não tinha rua, avenida. Era uma trilha, de terra”. O comércio, então, demorou até chegar ao bairro. Para fazer compras, precisava-se “ir à cidade”. As lojas mais próximas ficavam na Lapa, do outro lado do Tietê.

Naquela época, atravessar o rio era uma aventura: era preciso passar por duas pontes de madeira divididas por uma cancela na altura em que cruzava com a estrada de ferro. “A primeira, atravessava-se bem. Agora a segunda, menina!...” relembra dona Maria aos risos. “Se você se atrasava, tinha que ter paciência, porque tinha que esperar o trem passar. Era muito bom!”. Quando chovia então, nem se precisava ir muito longe para chegar às águas – a potência do Tietê ainda limpo era tanta que chegava a invadir as partes mais baixas do bairro.

As histórias dos moradores, do bairro e da igreja se entrelaçam no decorrer do tempo. Dona Maria conta que “quando a Matriz Velha incendiou, o pai da minha sogra, que tinha uma casa em frente, entrou lá e conseguiu salvar uma imagem de Santa Luzia e a cabecinha da imagem original de Nossa Senhora do Ó. Aí quando essa igreja nova foi construída, a pedido dele, a cabecinha foi colocada bem no alto do altar-mor. E está lá até hoje”.



Igreja da Matriz na Freguesia do Ó

Foto: Giovana Meneguim



Interior da Basílica Nossa Senhora da Penha

Foto: Jacqueline Altopiedi

A pequena parte da santa, porém, é uma das poucas coisas que permanece inalterada até hoje. O tempo passou e o progresso avançou sobre a pequena vila na outra margem do Tietê. O bairro tranquilo de outras épocas agora acompanha o ritmo da megalópole. Em meio a tanta agitação, quem viveu a Freguesia antiga suspira ao contemplar o bairro que ajudou a construir – “Hoje em dia é uma loucura essa vida. Coitadinhos de vocês!”

Às margens do Aricanduva

Os quase 20 quilômetros que separam a Freguesia do Ó da Penha não afastam sua história em comum. Iniciados com a doação de sesmarias, os bairros mais antigos de São Paulo se desenvolveram a partir de suas igrejas matrizes. A principal ligação entre as duas regiões precede a nomenclatura.

Movidos pelos mais diversos objetivos, moradores de Piratinin-ga navegaram contra a corrente até aportarem próximos à “Coli-

na”. E na margem direita do Ribeirão Aricanduva, a partir do rio Tietê, nascia o vilarejo da Penha — batizado à época de “Sesmaria de Nossa Senhora”.

O vilarejo se nutria das ofertas do rio. Era pelo Aricanduva que ele se mantinha vivo. “Essas águas da Penha eram benditas. Além de dar muito peixe, de ser um lugar onde se podia tirar areia, também proporcionava lazer às pessoas”, afirma o historiador José Morelli, que realizou profundo trabalho sobre o bairro. “Hoje a gente só sente que essas águas não têm o mesmo significado de antigamente. O Tietê foi retificado, praticamente virou um canal de esgoto. O Aricanduva também recebeu várias águas sujas até de residências”, completa o historiador.

Assim com a outra freguesia, o bairro cresceu em volta de uma capela. A construção, anos depois, foi chamada de Santuário Mariano e, em 1985, foi elevada, pelo papa João Paulo II, à condição de Basílica,

dada a importância que a igreja tinha para o bairro.

O padre Monsenhor Calazans conta que a basílica tem “uma história de mais de 340 anos, sendo assim, a Padroeira Popular da cidade de São Paulo”. A imagem de Nossa Senhora da Penha de França faz com que a população



Padre Monsenhor Calazans

Foto: Jacqueline Altopiedi

organize uma festa voltada a ela, tradição de Portugal, local em que a santa também é considerada como padroeira devido a um terremoto ocorrido na cidade de Lisboa.

Águas que movem o comércio

Às vésperas do fim do ano, um mar de gente toma o endereço comercial mais famoso do Brasil. O fluxo de ambulantes, lojistas e compradores que desembarcam na estação São Bento rumo à Rua 25 de março é tão intenso que oculta a importância histórica da região.

Desde a década de 30, o Mercado Municipal de São Paulo é o principal ponto de encontro entre comerciantes, consumidores e turistas que procuram um sabor paulistano. A atividade mercantil na região, porém, precede sua construção. Dentre os milhares de brasileiros que por lá circulam, são raros os que repararam que ali, no coração do maior centro de compras do país, há um porto.

Num tempo em que as estradas que cruzavam a cidade eram tão escassas quanto as ferrovias, os rios eram fundamentais para o acesso ao planalto de Piratininga. Presente hoje apenas na memória, o Porto Geral do Tamanduateí era morada das canoas que chegavam ao centro carregadas de mercadorias e viajantes curiosos para descobrir a cidade em desenvolvimento.

Antes batizado de Porto de São Bento, em referência ao imponente Mosteiro erigido nos primórdios na colonização, passou a ser chamado Geral tamanha sua importância no abastecimento de São Paulo e tornou-se o maior porto do Rio Tamanduateí.

Até o final do século 19, o comércio da cidade encontrou leito nas águas do rio que povoa o coração da cidade. Calmaria abalada pela fome insaciável do progresso, que alterou não só o curso dos rios como o de toda a população. Se até então as mercadorias desembarcavam no porto para abastecer a região central, o fluxo foi mudando ao passo em que o processo de retificação inundou os rios de São Paulo. A paisagem da capital estava em plena modificação.

Com a conclusão das obras, em 1896, veio também o fim da agitação fluvial. Hoje, a Rua 25 de março mantém viva a tradição do comércio popular, mas o vai e vem de canoas ficou na memória. Dos tempos portuários, sobrou a referência escrita nas placas do caminho que levava à beira do rio — a Ladeira Porto Geral.



Ladeira Porto Geral na região da 25 de março

Foto: Giovana Meneguim

O Tietê dos esportes

São Paulo sentia, no início do século 20, os ventos fortes da mudança. A região já não era um lugar deserto e distante de tudo. A jovem cidade passou a ser uma área povoada, com estradas de ferro e ruas que a ligavam a outros lugares, admitindo investimentos, indústrias e imobiliários.

Mesmo nesses novos tempos, o Tietê manteve o seu curso ao oferecer à população divertimento. Nos dias ensolarados, era arena para a prática de esportes náuticos e partidas de futebol, piqueniques e serenatas, além da pesca. Num meio que aspirava à modernidade, as águas do rio seguiam como um recorte alegre de anos tranquilos do povoado de Piratininga.

Não é exagero afirmar que as raízes esportivas de São Paulo estão intimamente ligadas ao Tietê. A prova está nos clubes nascidos em suas águas. Dos diversos redutos esportivos paulistanos, muitos têm sua história atrelada ao rio. Clube de Regatas Tietê, Clube Espéria, Clube Esportivo da Penha, Clube de Regatas de São Paulo e Portuguesa de Desportos são só alguns de uma vasta lista.

Foto: Jacqueline Altopiedi



André Bertin, historiador do Clube Espéria

Eram tantas associações que o rio recebia, frequentemente, grandes competições náuticas, como remo, natação e polo aquático. “As provas eram realizadas entre os clubes coirmãos: o Espéria, o Tietê, a Atlética, as provas eram realizadas, na década de 1910, no próprio Rio Tietê. Quando elas eram realizadas no rio, havia a possibilidade de um acompanhamento maior, havia uma relação

mais próxima com a própria natureza e era uma coisa diferente”, explica André Bertin, historiador do Clube Espéria.

O desenvolvimento do município, no entanto, minou as suas pretensões esportivas. Nos anos de 1920, para aumentar a carga de bondes e gerar energia, instalou-se, nas águas do rio, a primeira hidrelétrica de São Paulo: a usina de Parnaíba. Essa intervenção alterou o regime

do Tietê e a realização de alguns trabalhos de retificação deixou o leito do rio, na capital, menos sinuoso.

“No decorrer do tempo, muitas provas que eram realizadas no rio Tietê chegaram a ser realizadas na represa de Jurubatuba. Em 1972, ocorreu uma regata de despedida, da qual participaram o Espéria, o Tietê, a Associação Atlética São Paulo e o Corinthians. Essa regata simbólica aconteceu porque verificou-se, naquele momento, que era uma situação muito perigosa, o atleta (...) já corria o risco de ele ficar doente, ser contaminado e até morrer”, afirma Bertin.

O crescimento desordenado da industrialização e a falta de consciência dos paulistanos cobraram o seu preço e a degradação cresceu de maneira desordenada nos anos seguintes. O Tietê deixou de ser um límpido espelho de um tempo dourado, tornando-se uma extensa mancha escura no coração da metrópole.

Foto: Arquivo Histórico Espéria



Inauguração Piscina Semi-Olímpica do Clube Espéria (1933)



Atleta Arthur Busin em salto no rio Tietê (1927)

Foto: Arquivo Histórico Espéria

“O Tietê está morto”

As águas límpidas do Tietê ainda correm calmas na cabeça de Levon Dermendjian, 68. Navegar por essas lembranças não parece ser um exercício penoso de memória. Pelo contrário, todos esses momentos estão tão intactos em sua mente quanto o registro fotográfico de sua equipe de remo, pendurado próximo ao balcão de uma loja de sapatos na Avenida Brigadeiro Luis Antônio.

O olhar nostálgico não esconde a satisfação em reviver um tempo em que o Tietê ainda respirava. Mergulhar nessas histórias é voltar a uma era romântica de São Paulo. “Quando eu tinha uns seis anos, o meu pai já me levava ao rio e minha mãe carregava aquela cesta de piquenique. Meu pai pescava e nadava no rio Tietê. Então fica essa lembrança de lazer. A gente fazia o piquenique na margem do rio, onde atualmente é a marginal”, conta.

A ligação com o Tietê só se estreitou com o passar dos anos. Nas águas em que o pai pescou e nadou, Dermendjian fez-se esportista. “Entrei no clube Espéria como praticante de remo. A minha primeira competição foi de estreantes. Cheguei em segundo lugar.” Não demorou para que ele aprendesse os macetes da



Nadadoras da Associação Atlética São Paulo em 1924

Foto: Arquivo Histórico Espéria



Regata Mista na década X

Foto: Arquivo Histórico Espéria



Passeio de Barco no rio Tietê em 1926

Foto: Arquivo Histórico Espéria

modalidade. Acumulou tantos títulos estaduais que foi condecorado, em 1971, como Atleta Completo. “O diretor do Espéria me deu esse troféu porque eu não faltava, fazia todas as atividades, e também pela competitividade”, pontua.

Numa cidade com poucas opções de lazer, o rio surgia como grande palco para as atividades aquáticas. “Havia muitas competições importantes no Tietê. Uma delas é a Travessia de São Paulo a Nado. Não é do meu tempo, mas meu pai me contava. O pessoal saía do Sport Club Corinthians [em Itaquera] e chegava à Ponte das Bandeiras. Essas competições eram muito importantes para o Brasil”, ressalta.

Mas o tempo, senhor das mudanças, também pairou sobre aquelas águas. Em 1972, Dermendjian despediu-se de sua principal arena. “Particpei da Despedida do Rio Tietê. Foi uma competição simbólica, os barcos entraram na água, fizemos um percurso de 300 metros. Só simulamos uma regata, encostamos, bateram palmas e

o prefeito falou algumas palavras. Isso aconteceu por causa do avanço, da evolução da cidade”.

“Isso nos deixou muito surpresos. Você está acostumado a remar, competir e treinar no rio e aí, de repente, acabam as atividades. Ficou inviável treinar com duas marginais passando. Isso acabou com o rio, porque não tinha mais acesso. Ele era cheio de curvas. Mas aí alguém teve a ideia de endireitar o rio por causa da urbanização. Não sei se foi bom ou ruim, só acho que ninguém deve mexer na natureza”.

O semblante feliz só muda quando Levon precisa confrontar o Tietê nos dias de hoje. A conversa ganha um tom melancólico e o olhar perde-se nas palavras. “Eu não enxergo o rio. Estou enxergando uma coisa preta, suja, imunda. Tem muito muita indústria jogando esgoto, sujeira. Fico triste com isso. A natureza se cuida, mas se você maltratá-la, ela não dá conta. Alguém tem que ajudar a natureza também.” Ele não titubeia ao dar o seu veredicto: “O rio acabou, está morto”.



Levon Dermendjian com foto da época em que era praticante de remo

Cacique prevê crise hídrica antes do governo de São Paulo



Foto: Divulgação Sabesp

“Ninguém, nenhum país, passará incólume pelo impacto do Crash Climático que ainda está começando” – Osmar Santos, Porta-voz Oficial da Fundação Cacique Cobra Coral.

Se você acredita que o mundo sobrenatural não passa de superstição e histórias de terror para amedrontar crianças, a Fundação Cacique Cobra Coral

(FCCC) lhe dá motivos para começar a acreditar nelas.

Antes de iniciar a matéria, precisamos saber o que é a FCCC, as pessoas que estão por trás dela, e o que ela tem a ver com Abraham Lincoln, Galileu Galilei, Osama Bin Laden e a Sabesp – sim, essa história vai sobrar até para o governador paulista, Geraldo Alckmin.

Com sede em Guarulhos, na Grande São Paulo, A Fundação Ca-

cique Cobra Coral foi criada para intervir nos desequilíbrios provocados pelo homem na natureza. Diferente de todas as ONGS e programas governamentais, a FCCC tem como mentor o Espírito do Cacique Cobra Coral para prever catástrofes, alterações climáticas e até atentado terrorista - o onze de Setembro. Em agosto do ano em que as Torres Gêmeas foram derubadas, a fundação mandou uma



Foto: Arquivo pessoal

Osmar Santos, porta-voz da fundação e Adelaide Scritori, médium e membro principal da FCCC

carta narrando o desastre que aconteceria em Nova York. Em outras encarnações, o Cacique teria sido Galileu Galilei e Abraham Lincoln.

Adelaide Scritori, médium e membro principal da FCCC, afirma receber o espírito do Cacique e tem as visões sobre o futuro. Além de ter o poder de saber o que vai acontecer com o clima com pelo menos quatro ou cinco anos de antecedência através do Cacique, a FCCC consegue mudar o clima chuvoso ou ensolarado. Segundo Scritori, o criador do Rock in Rio, Ricardo Medina, contratou os serviços da fundação para uma operação de “alteração climática”. O clima de chuva previsto no dia do Rock in Rio formaria mais um festival de lama. O que aconteceu foi que choveu em vários pontos da cidade do Rio de Janeiro, entretanto nenhuma gota caiu sobre a cidade do rock.

“A seca somente evidenciou o problema da falta de investimentos”

Pode parecer loucura acreditar que um espírito faz a previsão do tempo, mas a FCCC possui convênios com o Ministério de Minas e Energia, estado e prefeitura do Rio de Janeiro, para algo considerado “esotérico”. Essas parcerias mostram o crédito e o respeito que possuem. Até recentemente, a prefeitura de São Paulo também tinha um convênio, mas foi desfeito porque, segundo a FCCC, para que fosse feito o monitoramento ambiental, a prefeitura teria que enviar relatórios, o que não aconteceu.

Adelaide Scritori não concede entrevistas, sob a alegação de que o Cacique não permite. Seu marido, Osmar Santos, porta-voz da fundação, aceitou falar sobre a crise hídrica de São Paulo e a FCCC. Segundo ele, os meteorologistas que colaboram com a fundação servem apenas como comprovação científica do que o



Cacique Cobra Coral

Cacique prevê e não como um auxílio nas previsões. “Eles traçam rotas para a FCCC efetuar as alterações, elevando ou reduzindo a pressão atmosférica x umidade e mudando a direção do vento. Como comprovação científica das alterações”.

Mesmo com uma simplicidade muito grande, Osmar Santos mostra ter profundo conhecimento nas questões ambientais e meteorológicas que o cercam. Ele enfatizou por diversas vezes, durante a entrevista à **Revista Origens**, a necessidade de preservar as matas ciliares e também a revitalização do Rio São Francisco, cuja transposição será inútil sem essas precauções.

A FCCC já vinha alertando desde 2012 o governo de São Paulo da estiagem que estava por vir, e como solução básica para aliviar o problema sugeriu o início de obras interligando os reservatórios do estado. O sistema Cantareira, que abastece a maior parte

de São Paulo, após um longo período de abuso e sem a ampliação de sua capacidade, passa hoje por um período de escassez.

A Fundação, no entanto, acredita na recuperação do sistema. Segundo Osmar Santos, as represas do Cantareira vai se reestruturar no período de quatro anos. Mas ao perguntarmos se pode dar um ponto final para a crise de água de São Paulo obtivemos um não. Segundo ele, outras secas piores virão. “O estrago está feito, cada dia temos que aprender a conviver com as adversidades; ninguém, nenhum país, passará incólume pelo impacto do crash climático que ainda está começando. Estamos à beira de um colapso climático, o número de Refugiados do Clima nos próximos 15 anos vai triplicar. Há um limite para enganar a mãe natureza”.

Apesar de não ser um assunto público, a fama da Fundação é internacional e inclusive polêmica: a fundação já foi processada. Osmar não deixou claro quem foi o autor do processo nem o motivo exato, mas bem humorado, questionou “É possível processar um espírito?”, depois em tom mais sério, explicou que as “operações climáticas” exercidas é uma profissão regulamentada.

Ciência

Já segundo Antônio Carlos Zuffo, doutor em engenharia civil e professor da Unicamp, a recuperação do sistema Cantareira dependerá,

principalmente, da vazão outorgada, isto é, a permissão do poder público para a utilização dos recursos hídricos. “Se reduzirem a vazão outorgada, a recuperação será mais rápida, se mantiverem ou aumentarem a vazão outorgada, a recuperação será mais lenta ou não haverá recuperação”.

Segundo a Sabesp, os fatores que mais contribuíram para a crise no Cantareira foram as condições climáticas pelas quais o Brasil está passando. O professor Zuffo ressaltou, no entanto, que “a seca somente evidenciou o problema da falta de investimentos no setor da água nos últimos anos. Secas e enchentes sempre ocorreram e sempre ocorrerão na história da humanidade, é um fenômeno natural”.



Antônio Carlos Zuffo é chefe do Departamento de Recursos Hídricos da Unicamp

Foto: Tâmina Waqued/Fiesp

O que você tem feito por São Paulo?

O que você tem feito para evitar o desperdício?
O cidadão sai em defesa da água



Foto: Ramon Chaves

“Não lavo o carro há dois meses. Ele está extremamente sujo.”

Alessandro Lemos - 27 anos (Analista de Suporte)
Morador de São Bernardo do Campo



Foto: Camila Barbieri

“Ainda não sofro com a falta de água em casa, mas tento usar de maneira consciente para fazer coisas do dia a dia, como lavar o carro. A falta de chuva é o maior problema.”

Ana Paula Cavaliere - 20 anos (Fotógrafa)
Moradora do Jardim Danfer



Foto: Ramon Chaves

“Concentro as louças e roupas para lavar de uma vez. Também evito usar torneira aquecida.”

Wagner Mendes - 36 anos (Coordenador de EAD)
Morador do Jardim Estér



Foto: Camila Barbieri

“Duas vezes por semana não tem água em casa, tento diminuir o tempo de banho, uso água da máquina de lavar para lavar o banheiro e a escada. Creio que o principal fator é a falta de chuva.”

Paulo S. Rodrigues - 39 anos (Operador de scanner)
Morador do bairro da Saúde

“Não lavo o carro, nem o quintal. Quando lavo, uso água da chuva”

Osmar Mendes - 57anos (Auxiliar de biblioteca)
Morador de Osasco



Foto: Ramon Chaves



Foto: Ramon Chaves

“Não deixo a torneira aberta enquanto escovo os dentes.”

“Minha mãe usa a água da chuva para limpar a casa.”

Aline Vitória - 15 anos (Estudante)

Moradora do bairro Taipas

Alessandra Silveira - 15 anos (Estudante)

Moradora do bairro Sol Nascente

“Economizo como posso, apesar de ainda não sentir os efeitos da crise.

Falta chover, mas também existe pouco caso em relação ao meio ambiente, que gera crises ecológicas e alterações climáticas, além da má administração governamental e uso desacertado e sem consciência da água pela população.”

Jonas Dorival Nunes - 36 anos (Arquivista)

Morador de São Miguel Paulista



Foto: Camila Barberi



Foto: Ramon Chaves

“Na minha casa, a gente usa bacia de água para tomar banho e dar as descargas. Para economizar ainda mais, aproveito a água da máquina de lavar para limpeza.”

Douglas Brito - 39 anos (Auxiliar de áudio e vídeo)

Morador de Pirituba

“Reutilizo a água na máquina para lavar o quintal e na hora de lavar a louça. A principal causa da falta de água é a falta de chuva e a falta de consciência das pessoas na hora de utilizar a água.”

Geralda da Silva - 67 anos (Dona de casa)

Moradora do Jardim Tremembé



Foto: Camila Barberi

A crise da água pelo Jornalismo

Cobertura jornalística sobre a crise hídrica pelos principais jornais do país

A cobertura do **Diário de São Paulo** priorizou em 31 de agosto de 2014 o discurso indireto, com algumas frases pontuais do governador



Alckmin, que justificou o relatório divulgado pela ONU atribuindo a crise hídrica à escassez de chuvas nos últimos meses, classificada como “excepcional” e “inimaginável”.

A imprensa de São Paulo produziu material farto sobre a questão da falta de água – na cidade e em muitos municípios do Estado de São Paulo. Foram apresentados textos e imagens sobre a seca em reservatórios vitais para o abastecimento



de água acompanhados de entrevistas, comentários e, ao mesmo tempo, ausências de explicações das entidades oficiais responsáveis.

A crise hídrica tem gerado divergências em relação às informações que são transmitidas pelas autoridades para a população. Os meios de comunicação mais influentes, como **O Estado de S. Paulo** e **Folha de S. Paulo**, priorizam em suas coberturas falas de especialistas na área, bem como a disponibilização de dados técnicos.

O encontro do governador Geraldo Alckmin com a presidente Dilma Rousseff, no dia 10 de novembro, teve bastante destaque nos dois jornais. Ambos frisaram declarações do governador paulista e da ministra do planejamento Miriam Belchior. Alckmin apresentou um plano para a realização de oito obras de infraestrutura, com custos de 3,5 bilhões, para resolver o problema de crise.

A Folha preferiu destacar a fala de Miriam Belchior, afirmando que o Palácio do Planalto está “muito preocupado” com a situação da água. “O Governo Federal está disposto a contribuir com as soluções para o problema que a região metropolitana de São Paulo vive”. Já o Estadão destacou a fala do governador. “São Paulo não tem racionamento, o abastecimento está garantido em novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, primeiro semestre, segundo semestre”, disse. Apesar dessa diferença de enfoque, os dados apresentados pelos dois veículos, no decorrer da matéria, foram os mesmos.

Nos dias 16 e 21 de outubro, Folha e Estadão, respectivamente, informaram sobre o novo programa de bônus que garante descontos na conta, para quem conseguir reduzir o consumo de água.

O Estadão iniciou o texto realizando indiretamente um apelo à população para economizar mais água, pois a situação tornava-se cada dia mais crítica. A **Folha de S. Paulo** informou que a inserção do novo programa de bônus teria sido sugerida à Sabesp pelo governador Geraldo Alckmin, com exceção desse fato e de alguns detalhes informados, os dois jornais seguiram a mesma linha de texto.



Questão da água por outros veículos

Texto opinativo, divulgado em 21 de outubro, na edição 821 do **Observatório da Imprensa**, pelo jornalista Ulisses Capozzoli é retratado sua indignação com a crise hídrica e a postura do PSDB quanto ao tema. Segundo o que ele denomina serem desculpas esfarrapadas:



“Relatórios internos da própria Sabesp, a estatal responsável pelo abastecimento de água da capital, reconhecem, há anos, o descompasso entre a oferta e a demanda de água. E mesmo assim, segundo levantamentos do Ministério Público, explorou os estoques além do recomendável, e num momento de enorme incerteza”, relata.

Anderson Silva, do jornal Folha Noroeste, foi um dos muitos profissionais que direcionaram o foco justamente

nas pessoas com problemas de falta de água. Ouvia relatos de moradores que afirmam estar enfrentando problemas reais, em consequência do controle imposto pela Sabesp.

A equipe da Folha Noroeste, bem como outros veículos, entrou em contato com a Sabesp, mas os questionamentos foram respondidos apenas por meio de notas oficiais.

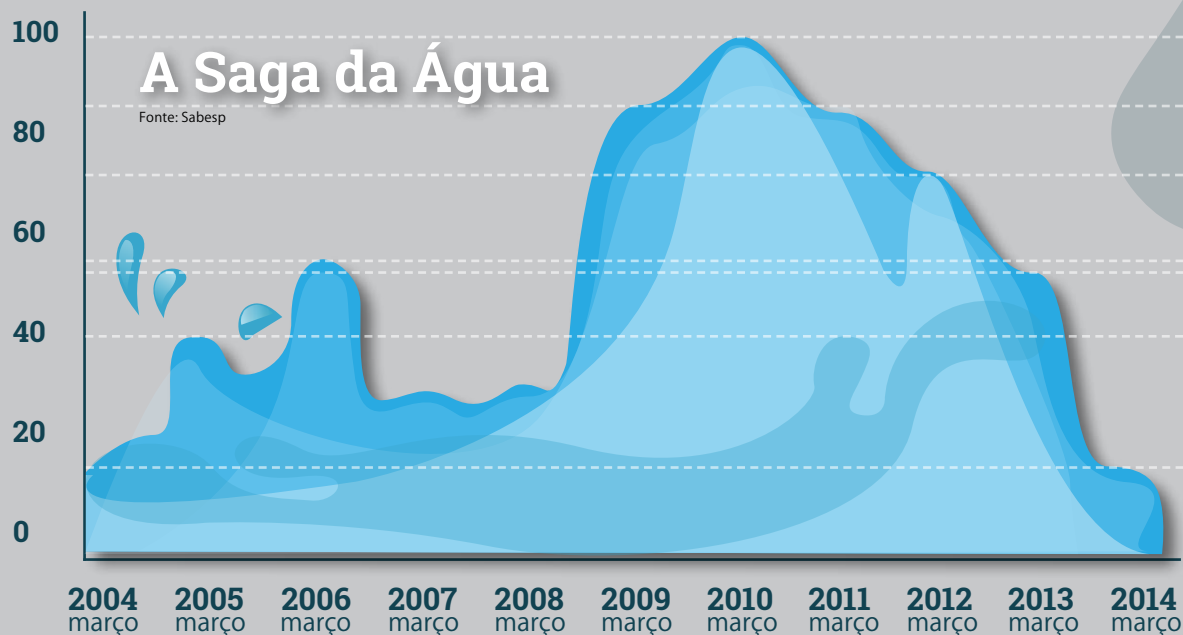


A Fuvest, maior vestibular do País, realizado no dia 30 de novembro passado, apresentou na primeira fase o problema em uma das suas questões. A resposta correta entende que o problema é tanto ecológico quanto político. Abaixo como ela foi transcrita pelo site G1 do dia 1/12/14:

Pergunta: As perspectivas ficaram mais pessimistas porque a seca atual do Sistema Cantareira é mais crítica que a de 1953, até então a pior da história e que servia de parâmetro para os técnicos dos governos estadual e federal. O Estado de S. Paulo, 17/03/2014. Adaptado.

Acerca da crise hídrica apontada no texto acima e vivida pela cidade de São Paulo e pela Região Metropolitana, é correto afirmar que a situação apresentada é de natureza, entre outras, **e) ecológica e política, posto que a reposição de água dos reservatórios depende de fatores naturais, assim como do planejamento governamental sobre o uso desse recurso.**

Infográfico: Vivian dos Santos



Como assim “FAZER UMA REVISTA”?

A primeira aula do semestre, em agosto de 2014, para as turmas de quarta etapa apresentou aos alunos a proposta da Revista Origens, além da escolha do tema fio condutor da segunda edição: água. No rosto de todos estamparam-se dúvidas, desconforto e incredulidade, tanto pelo desconhecimento dos processos jornalísticos quanto, principalmente, pelo tema. Se o paulistano começa 2015 questionando se “vai faltar água”, naquele momento o assunto ainda estava distante do cotidiano deles.

Talvez alguém pense que a parte mais trabalhosa está na redação, em “preencher as páginas”. Longe disso: elaborar uma ideia, extraída de alguma dúvida genuína e relevante socialmente, é a maior trava – no jargão, denominamos este momento como “pauta”. Dois alunos da manhã apresentaram a primeira sugestão, prontamente aceita: duas igrejas com suas fachadas construídas em direção ao Rio Tietê – a da Freguesia do Ó e a da Penha. Entre as duas foram sendo descobertas histórias da importância, da glória do rio mais importante do estado e da sua progressiva destruição como elemento vivo da natureza na capital.

Mas ainda faltavam outras, enquanto os dias passavam. Aos poucos, com dificuldade, a partir de um incêndio numa das avenidas da Zona Sul da cidade, surgiu a informação de que o Corpo de Bombeiros estava com dificuldades de debelar os incêndios pela falta de água nos hidrantes. Duas alunas tentaram de todas as formas contato com a entidade, mas a informação que interessava não foi fornecida. Então houve a necessidade de mudança de rota: enquanto uma história buscava por novas portas fechadas, outras observavam manchetes de jornais impressos e digitais.

Os obstáculos para uma equipe de “focas virgens” aumentaram. A partir de setembro, todos os canais de informação do

Governo Estadual passaram a restringir seus atendimentos tanto para a imprensa em geral como também para estudantes de jornalismo. Perguntas dirigidas à Sabesp e ao DAEE eram orientadas para a Secretaria de Recursos Hídricos e não obtinham respostas.

Dados oficiais davam lugar a experiências pessoais, fortalecendo as pautas. O Metrô e a CPTM tiveram que fechar os banheiros públicos de suas estações devido à falta de água – fato observado por alunos que utilizam estes transportes. Assim como alguns bares, restaurantes, fornecedores de alimentos de caráter domésticos fecharam suas portas por absoluta condição de funcionamento. Na metade do mês de outubro, os próprios alunos começaram a vivenciar em suas casas o rodízio do fornecimento de água ou mesmo grandes períodos de tempo sem ela.

Ainda em outubro, os alunos vivenciaram suas reportagens de fato, com as dificuldades inerentes às tarefas de entrevistar e produzir ilustrações e fotos. Alguns tiveram que refazer imagens: apesar da facilidade tecnológica proporcionada por gadgets multiuso, ainda é preciso “traquejo” para obter uma foto com qualidade suficiente para uma publicação impressa. Outra questão que o mundo digital nos ajuda a desviar é a importância da quantidade de caracteres em um espaço fisicamente limitado a algumas páginas.

Por fim, o aprendizado destes alunos culminou com algo que vai acompanhá-los no cotidiano da profissão escolhida: a urgência no fechamento de um produto jornalístico, incluindo as cascas de banana e lacunas oriundas do processo de edição.

Com o segundo número encaminhado, é hora de revisar cada etapa e pensar na próxima. Que venha, portanto, a Revista Origens número três.

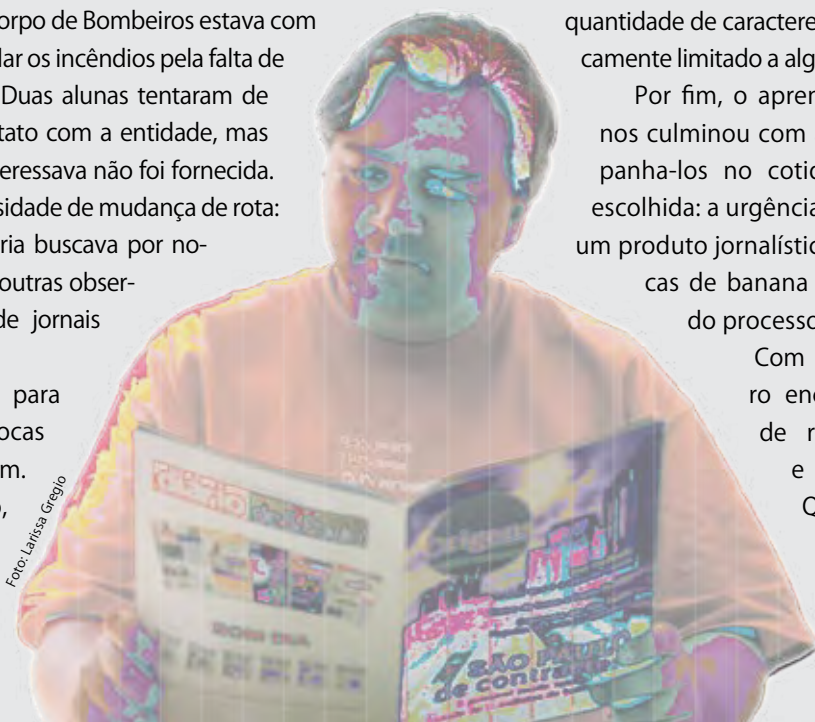


Foto: Larissa Gregório

O (DES)VALOR DA ÁGUA

Escrito por: Raphael Paulino | Ilustração por: Amanda Azevedo

Relembro momentos de contato com a água em seu habitat natural. Situações únicas como entrar e ficar embaixo de uma queda d'água, boiar e nadar na piscina formada por ela. A lembrança da cachoeira do Saltão e seus 80 metros, escondida no meio de um camping na cidade de Águas de São Pedro, a 300 km da metrópole, me trouxe a possibilidade de refletir: até quando jovens como eu poderão vivenciar isso?

Com o prazer e frescor de sua essência mais primal, pude perceber que fenômenos como este são privilégios que talvez, mais adiante, sejam cada vez mais raros e fique apenas nas lembranças da geração a qual pertença. Vejo cada vez menos água, a seca prevalece em um país que é conhecido por suas bacias hidrográficas, aquíferos, rios, lagos e suas nascentes puras.

Sinto cada vez menos esse contato com a essência da vida. Talvez seja o imediatismo da sociedade, ou ainda a chamada modernidade na qual vivemos que nos traz escassez – tanto de água quanto de bons momentos. Vivemos pautados pela urgência. Deixamos para trás o prazer de ter contato com a natureza. Ou seja, conosco e com as pessoas. Ficamos perdidos em rotinas, adquirimos hábitos que subjuguem nossas próprias nascentes.

Particularmente, este contato com a água em estado puro representa um momento de regresso para o eu interior, em que aprendi a valorizar elementos que se perdem nos ralos da realidade, ficando restrito à memória dos jovens exploradores e audaciosos. Volume morto da mente. Isso me preocupa de forma descomunal.

Enquanto a água lá fora acaba, fico organizando sentimentos que buscam soluções para o que nem sei, me preparando para futuras decepções que ainda desconheço e, claro, preservando a imagem da bela cachoeira, sua queda forte e sua água de uma clareza magnífica. Ilusões do presente e do futuro.



Alunos que participaram desta edição:



Camila Ramires

Jornalista desde os 9, sempre falante. Amante de história e política, poço de cultura (in)útil.



Mariana dos Santos

A vida é muito curta para desperdiçá-la. Viver é melhor que sonhar e ser é melhor que imaginar.



Nathalia Moraes Franco

Criativa e sorridente, espontaneidade é o seu forte. É apaixonada por cachorros e por uma vida leve e intensa.



Camila Santos

Dedicação, amor, gentileza e persistência. Palavras-chave na vida dessa libriana.



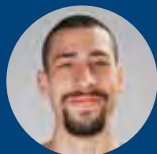
Caroline Marques

20 anos. Virginiana. Curiosa. Detalhista. Inquieta. Apaixonada por moda e futura comunicóloga.



Fernanda Clas

Leitora compulsiva, apaixonada por fotojornalismo, cinema, pintura e tudo que envolva muita cor.



Nathan Rodrigues

Revisor oficial dos trabalhos do grupo, tem fortes tendências ao jornalismo cultural e literário.



Giovana Meneguim

Dedicada a mostrar, pela objetividade de sua lente, o que o mundo pode nos oferecer de verdade.



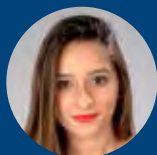
Jacqueline Altopiedi

Tem o riso fácil e não é chata. Por fora parece durona, por dentro só uma menina cheia de sonhos.



Ingrid Pinheiro

Vinte e um anos, estudante de jornalismo e gestora do projeto de educomunicação "Click, um olhar".



Camila Barbieri

19 anos, uma grande jornalista em um futuro próximo. Cheia de sonhos e determinada.



Flávia K. Mendes

Tranquila, adora livros, séries, cultura e gastronomia. Gosta de viajar para conhecer lugares novos e curtir a vida.



Gabriela Alencar

Ama livros. Desastrada e tímida, mas um pouco tagarela. Será esta a combinação para o sucesso?



Luciana Natel

Traz a ansiedade no olhar e o ponto de equilíbrio quando se faz necessário rebobinar a fita e recomeçar.



Raphael Paulino

Verdadeiro, enxergo em sorrisos e no jornalismo a esperança de um mundo melhor. Alto, me ligue.

RIO BRANCO: SEU FUTURO COMEÇA AQUI



FACULDADES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, DESIGN E AUDIOVISUAL

GRADUAÇÃO

Comunicação Social:
Rádio e TV
Editoração
Jornalismo
Relações Públicas
Publicidade e Propaganda

GRADUAÇÃO

Design

PÓS-GRADUAÇÃO

Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte
MBA em Branding Innovation
MBA em Comunicação Corporativa

TÉCNOLOGO

Produção Audiovisual

EXTENSÃO EAD

Jornalismo Esportivo

UNIDADE LAPA - Av. José Maria de Faria, 111, São Paulo - SP
UNIDADE HIGIENÓPOLIS, Av. Higienópolis, 996, São Paulo - SP
UNIDADE GRANJA VIANNA Rod. Raposo Tavares, 7.200 (km 24) Cotia - SP
RIO DE JANEIRO, Espaço Ideal, Rua Santa Luzia, 760 - Centro, Rio de Janeiro - RJ

 **Faculdades Integradas**
Rio Branco
FUNDAÇÃO DE ROTARIANOS DE SÃO PAULO

www.riobrancofac.edu.br

Veja no site Itinerários de ônibus gratuito rio branco

CENTRAL DE ATENDIMENTO **0800165521**

Jornal tem que ser

diário de S. Paulo



HEDE BOM DIA

Campinas



Bauru



Jundiaí



Sorocaba



São José do Rio Preto



ABCD



Leitura rápida e descomplicada, formato ideal para portabilidade

Esportes
Cultura
Política
Automóveis

Economia
Turismo
Colunistas
Beleza